

MARTINS
popular guarda-redes
do S. L. Benfica
(foto Nunes d'Almeida)



Stadium

N.º 49 ★ 10 DE NOVEMBRO DE 1943

A posse da Comissão Administrativa da Federação de Futebol

REALIZOU-SE há dias a cerimónia da posse da Comissão Administrativa da Federação Portuguesa de Futebol e da sua Comissão Central de Árbitros. Esta cerimónia teve não só o relêvo especial que resulta de se haver realizado na própria Direcção Geral de Desportos, mas também o que lhe deu as considerações feitas pelo sr. Director Geral, acerca das directrizes em relação ao futebol, e das normas a que deve obedecer a orientação da Comissão Administrativa da Federação, de acordo com as referidas directrizes.

A esta cerimónia referiram-se todos os grandes diários portugueses e alguns dos nossos colegas da especialidade. Estão portanto largamente espalhadas, devendo ser conhecidas do público, as considerações feitas, com oportunidade e clareza, pelo ilustre Director Geral de Desportos. Não queremos, porém, deixar sem merecida referência o notável discurso do sr. tenente-coronel Salvação Barreto, bem como o próprio significado da posse, pelos termos em que foi conferida. Dentro desta nova orientação, devemos anotar que a posse assistiram, por parte da Direcção Geral, os inspectores capitão António Cardoso e dr. Ayalla Botto, quasi todos os novos dirigentes da Federação, representantes da Associação de Lisboa e dos mais importantes clubes, figuras de relêvo no desporto lisboense e jornalistas.

No seu notável e oportuno discurso, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto abordou os grandes problemas do futebol, no que respeita à correcção que deve caracterizar todas as pugnas de desporto, estabelecendo diferença entre as faltas de natureza técnica e as que colidem com o espirito desportivo. Falou, também, da cultura física dos jogadores, da prática da gymnástica e da fiscalização médica, e da necessidade de seleccionar os dirigentes e árbitros, a cujas funções se referiu largamente. Chegou, assim, à indicação das bases em que deve assentar o progresso do popular desporto: disciplina, gymnástica e assistência médica, organização técnica, e selecção de dirigentes e árbitros.

Quanto às relações internacionais do futebol, o sr. tenente-coronel Salvação Barreto falou da conveniência de se constituir uma equipa permanente por selecção, preparada com tempo e pelos meios técnicos compatíveis com as possibilidades do país e animada do espirito de criar escola de características adequadas aos portugueses.

NOTAS & COMENTÁRIOS

FALAMOS, recentemente, da crise que o futebol atravessa em Viana do Castelo. Em aditamento ao que então escrevemos, há a registar que a respectiva associação distrital pode considerar-se salva e que a Federação Portuguesa de Futebol deu o Vianense como apurado, pelo seu distrito, para a entrada no Campeonato de Portugal da II Divisão.

Por agora, não deixa Viana do Castelo de estar representada naquele campeonato. Mas corre o risco de perder a sua autonomia em futebol. E a evolução — em sentido oposto...

A Associação de Futebol do Porto foi distinguida, há pouco tempo, pela Câmara Municipal da localidade, com a «Medalha de Mérito Desportivo». Trata-se de uma concessão que honra ao mesmo tempo o município e a associação. A Câmara Municipal mostrou que sabe apreciar o valor do futebol. E a Associação do Porto, dos mais antigos no continente, teve o prazer de ver apreciados oficialmente os serviços prestados por si na direcção regional do popular desporto.

BENI Levi voltou a ter comportamento valoroso em Espanha. Condição o combate com vantagem para si, até determinar a altura. Concedido do fractura da mão, passou, depois, à defesa, a ver se podia agüentar-se até final. E ficou até o fim.

É assim que se prestigia o desporto — e que se narra a qualquer título de campeão.

NA última reunião do respectivo congresso, a União Velocipedica Portuguesa passou a designar-se Federação Portuguesa de Ciclismo. Esta transição, que parece simples, afecta a estrutura da sua organica: deixa de ser união de todos os ciclistas, para ser, claramente, uma federação dos clubes que se dedicam ao ciclismo.

Uma das consequências da mudança de título é a extinção dos sócios individuais. O ciclismo deve, no entanto, serviços relevantes a esses sócios. Neste momento é de justiça lembrar a sua utilidade.

DENTRO das bases em que tem de assentar a Federação Portuguesa de Ciclismo, o congresso da antiga U. V. P. resolveu, também, organizar, desde já, as associações regionais do Porto, Coimbra e Lisboa (Norte, Centro e Sul).

Preocupa-se assim uma formalidade. Mas a criação de uma associação regional em Coimbra deve servir especialmente de estímulo — visto que o ciclismo tem andado muito inactivo fora de Lisboa e Porto.

UMA Federação por desporto foi, por vezes, descentralizada demasiada, havendo por isso federações sem vida própria. Uma associação regional por desporto, em cada distrito pode ocorrer, em muitos casos, a possibilidade de selecção de elementos directivos, em determinadas cidades.

Em Coimbra existe a Confederação para supervelocipedistas nos desportos que não têm actividade bastante para justificar associação regional. Uma federação unitária, para cada distrito, seria mais simples, mais económica — e mais eficiente em muitos casos.

ANO XI — Lisboa, 10 de Novembro de 1943 — II SÉRIE-N.º 49

STADIUM
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:
T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e Impressão de NEOGRAVURA, LTD.
Composição e Impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PELA provincia aparecem por vezes torneios que surpreendem — pelo conhecimento de que de terminadas modalidades não se praticam, com competição, fóra dos grandes centros. Encontra-se neste caso um torneio de atenas disputado — em Fornos de Algodres, nas proximidades da Serra da Estrela.

O campo de atenas do Forno de Algodres é particular, pertencendo a uma família abastada da localidade. E ha «courts» espalhadas por grande parte do país. O que falta mais, neste desporto, são os jogadores. Campos há muitos...

COMPLETOU vinte e cinco anos o Lisboa Ginnásio Clube. O florentino instituto de educação física encontra-se, pois, em festa, com a celebração das bodas de prata. Não queremos deixar de registar gostosamente o facto, porque o Lisboa Ginnásio, bem orientado desde os tempos da sua iniciação, tem realizado obra especialmente útil na expansão da gymnastica, levando o beneficio da sua prática a uma zona citadina largamente populosa.

Ao Lisboa Ginnásio, com os nossos parabens, apresentamos votos de longa e próspera existência.

UMA exposição tem muitas vezes o valor de um documentário de especial poder de suggestão. Foi o que se deu com a «Exposição de Tiro» ganhos pelos sócios da Sociedade de Tiro n.º 2, antigo Grupo Pátria, núcleo admirável de atiradores. Effectuou-se no estúdio do Secretariado de Propaganda Nacional — e mereceu a simpatia do público.

Os cinquenta anos do Grupo Pátria estão afirmados brilhantemente na série de medalhas, objectos de arte, taças, trofeus e fotografias expostos. Mas a bonita exposição de prémios correu também para dar ideia da expansão do tiro, como desporto essencialmente patriótico.

ENTRÉ os expositores da «Exposição de Trofeus» ganhos pelos sócios do Grupo Pátria figura o dr. José Duarte de Ayala Botto, ilustre Insp. Tor de Desportos. A sua coleção de medalhas não é das mais numerosas — mas abrange um período que começou em 1925. É «estrangeiro» com pistola de guerra e tomou parte em provas disputadas no estrangeiro, nas quais se classificou em primeiros lugares.

Ayala Botto é sócio honorário da Sociedade de Tiro n.º 2, por serviços relevantes prestados ao tiro nacional.

OS campeonatos regionais de futebol vão seguindo a sua marcha normal, com um outro desafio de grande interesse para a respectiva classificação, como consequência de uma rivalidade que pode ter esplêndida, se não for demasiada. O último grande encontro desta ordem disputou-se, no penúltimo domingo, em Faro, entre o Sporting Farense, antigo campeão regional, e o Olanhense, que já inscreveu o seu título na lista dos campeões do país.

O interesse despertado por este jogo, que deu ao Olanhense o primeiro lugar na respectiva classificação, traduziu-se por uma afluência de público que constituiu «records» no Algarve.

NO Porto, parece que o Salgueiros está em fase de pleno ressurgimento. As suas últimas vitórias foram obtidas com valor e com entusiasmo, mesmo com um entusiasmo que valoriza o campeonato de futebol. O primeiro encontro com o Futebol Clube do Porto desportivo grande espetativa. O desafio da segunda volta, com o Salgueiros em segundo lugar, teve ainda maior interesse.

O Sport União Sintrense acaba de festejar os seus trinta e dois anos de existência. E festejou-os de forma que contribui para assegurar mais eficazmente o seu futuro — inaugurando novos melhoramentos no campo de jogos.

Ao Sintrense as nossas felicitações — pelo aniversário e pela melhoria das suas instalações.

BALANÇO GERAL DA ÉPOCA

II—Corredores de velocidade prolongada

por SALAZAR CARREIRA

A velocidade prolongada, abrangendo no programa de seniores as distâncias de 400 e 800 metros, foi o sector mais pobre da temporada, com uma única marca nos limites da nossa melhor classe: os 51,8 s. de Matos Fernandes no campeonato regional de 400 metros.

A especialidade é de muito difícil e raras foram até hoje os portugueses que alcançaram resultados dignos de referência; além de 800 pontos finlandeses encontramos apenas Francisco Bastos e António Calado, com Barreiros Gomes e Matos Fernandes a curta distância. Lembremos, para melhor definir o confronto, que aquela pontuação corresponde a 11,15 s. nos 100 metros e 15 m. 48,6 s. na légua.

Diversas razões podem ser invocadas como explicativas desta inferioridade atlética, a primeira e mais fácil das quais será a insuficiência de rigor no treino; a especialização profunda, quando procura o máximo rendimento das faculdades do corredor, obriga a pesados sacrifícios, privações estoicas e esforços esgotantes.

Pelo feito desprezado, pouco persistente, dos portugueses, semelhantes imposições raras são aceites — e sucede assim que a preparação nunca atinge a profundidade necessária ao integral rendimento da classe. Os nossos corredores de velocidade prolongada ressentem-se do mesmo mal que inferioriza no percurso de duzentos metros os homens da velocidade pura e consiste na falta de estôfo, de resistência para toda a duração do esforço empregado.

Veja, porém, ainda outra coisa — de origem técnica, esta — para o rendimento inferior dos especialistas da categoria.

Tratando-se de corridas para as quais se mantém de princípio a fim um esforço intenso, prevalece no corredor a tendência para a contração muscular geral, que mais se acentua sob a influência da fadiga. Uma das mais importantes finalidades do treino é lutar contra esta tendência, a qual representa para o corredor uma auto-oposição ao seu esforço de progresso no terreno; o homem emprega-se para avançar o mais rapidamente possível, mas quanto mais força emprega para tal, maior é a resistência que opõe a si próprio.

Este o paradoxo dos corredores nacionais de velocidade prolongada, confirmado no testemunho dos factos pelo exemplo do êxito de Matos Fernandes, o mais naturalmente desconfiado dos estilistas portugueses, e pelo progresso de João Jacinto nos cincoentes metros, desde que adoptou passada mais ligeira e menor rigidez de tronco e braços.

Com a ausência de Francisco Bastos e de António Calado, a já escassa falange de valores na especialidade ficou praticamente reduzida a dois homens, aqueles que citei no período precedente.

Fernando Matos Fernandes pode ser o melhor de todos os portugueses na distância dos 400 metros; tem o «record» ao seu alcance — é mera questão de treino orientado para tal fim. Estes mesmas palavras terel de repetição em crónicas posteriores, a propósito, por exemplo, das barreiras e do «alto em altura; a pluralidade de aptidões deste atleta de classe excepcional no nosso meio justifica estas afirmações e foi causa de recente controvérsia jornalística, onde me parece ter havido, por uma banda, errada interpretação do critério oposto.

O problema estabeleceu-se no confronto do seguinte dilema: o actual ecletismo de Matos Fernandes nenhum prejuízo físico lhe ocasiona e está dentro dos preceitos técnicos do trabalho de um decatista, atleta completo por definição, mas é evidente que impede o aproveitamento total dos seus recursos em determinada prova; o estabelecimento dos novos «records» nacionais, que a crítica supõe fundamentadamente ao alcance de Matos Fernandes, exigem a sua especialização restrita durante um ano.

Trata-se de duas finalidades antagonicas, entre as quais o interessado tem o direito de

livre escolha, sem que alguém o possa censurar ou aos seus orientadores.

Tenho ainda a impressão de serem os mínimos dos 400 metros planos e com barreiras os mais facilmente acessíveis; os Nacionais deste ano, na excelente pista do Sporting, com as indicações de boa forma prestadas no Regional, foram com certeza uma grande ocasião perdida.

João Jacinto Santos Silva teve a sua melhor época de sénior, a pesar das contrariedades de preparação resultantes das obrigações militares a que esteve sujeito. Mudou o estilo deficiente, contraído, todo em força, que lhe fora ensinado fora do seu clube — e os benefícios foram imediatos.

Precisa de muita ginástica, para aumentar a flexibilidade geral e a elasticidade muscular; pode progredir muito nos 800 metros, prova em que foi o melhor da temporada.

No grupo dos novos praticantes destacam-se dois nomes: Mota Cerveira e Costa Pereira, cada qual no seu ramo das distâncias da categoria; é justo citar ainda Castilho e Possolo, cujas possibilidades são reais.

Mota Cerveira é um corredor possante, do tipo preferido para as menores distâncias da velocidade prolongada; rápido, com boa ponta final, considero-o a melhor revelação do ano nesta classe de especialistas.

São campeões em 1943:

Estreantes — 250 m.: Lisboa, Mota Cerveira (Bf.), 30,8 s.; Norte, Sebastião Pereira (Braga), 31,8 s.; Coimbra, Herculano Campos (Acad.), 34,1 s.

Principiantes — 300 m.: Lisboa, Mota Cerveira, 38 s.

Juniors — 300 m.: Lisboa, Mota Cerveira, 37,5 s.; Norte, S. Pereira, 39 s.; Coimbra, Zélio Lima (Acad.), 42,2 s.; Portugal, Mário Possolo (Bf.), 37,9 s.

Universitários — 400 m.: Rebelo Gomes (I.S.T.), 57 s.; 800 m.: Costa Pereira (I.N.E.F.), 2 m. 10,9 s.

Corporativos — 300 m.: Lisboa e Portugal, César Gomes (B.S.B.), em 39,8 s. e 40 s.

Seniores — Portugal: 400 e 800 m., João Jacinto Silva (Sp.), em 54 s. e 2 m. 7 s.; Lisboa, F. Matos Fernandes (Bf.), em 51,8 s. e 2 m. 8 s.; Norte, 400 m., Agostinho Pena (F. C. P.), em 58,2 s.; 800 m., Coutinho Monteiro (Ac.), em 2 m. 7,6 s.

Para finalizar, damos a lista actualizada dos melhores resultados portugueses.

300 metros — José Glória Alves (Bf.), 14-8-38 e Manuel Raposo (Bf.), 12-7-41, 36,5 s.; João André dos Santos (Bf.), 6-7-40, e Fernando Matos Fernandes (Bf.), 23-8-42, 37 s.; Evaristo Silva (Sp.), 23-8-42, 37,1 s.; António Barreiros Gomes (Bf.) e José Sampaio P-xoto (Acad.), 37,2 s.; João C-stilho (Sp.), 37,4 s.; Manuel Guilherme Rodrigues (Ac.), 37,6 s.; João Louro (Ac.), 37,7 s.

Nesta série, só Matos Fernandes e Evaristo Silva eram já seniores à data da marca registada.

400 metros — Francisco Oliveira Bastos (Sp.), 11-8-40, 51,2 s.; António Barreiros Gomes (Bf.), 11-8-40, 51,4 s.; Fernando Matos Fernandes (Bf.), 8-8-43, 51,8 s.; João André dos Santos (Bf.), 52 s.; José Glória Alves (Bf.), 52,3 s.; António Júlio Dias (Sport), Miguel Cunha (Braga), João Jacinto Silva (Sp.) e Agostinho Pena (F. C. P.), 51,8 s.; Alberto Afonso (Bel.), 52,7 s.

500 metros — Francisco Oliveira Bastos (Sp.), 25-8-40, 1 m. 7,6 s.; José da Silva Ferraria (Ac.), 11-7-37, 1 m. 8,9 s.; João André dos Santos (Bf.), 16-6-40, 1 m. 10,4 s.; Manuel Marau (Gaia), 1 m. 10,6 s.; Ildo Gomes (Sp.), 1 m. 11 s.; António Calado (Sp.), 1 m. 11,6 s.; José Borges da Silva (Bf.), 1 m. 11,8 s.; Jorge Azevedo (Bf.), 1 m. 12,1 s.; Alfredo da Silveira (C. I. F.), 1 m. 12,2 s.; Vasco da Gama (C. P.), 1 m. 12,4 s.

CURIOSIDADES

JACK JOHNSON, o primeiro pugilista negro que foi campeão mundial

Na galeria dos mais célebres «boxeurs» de todos os tempos, Jack Johnson, que recemora hoje nos nossos leitores, tem lugar marcado. Não é já dos nossos tempos, mas a cousada de ter sido o primeiro pugilista de raça negra que conquistou o título de campeão do Mundo, deu-lhe especial fama.

Só por isto se nos afigura cabido José lá nesta secção de «Curiosidades».

* * *

1906 — O pugilismo havia alcançado grande popularidade em todo o Mundo, mas muito principalmente na América do Norte, onde se tinham já disputado vários títulos mundiais e alguns «boxeurs» eram considerados ídolos. Começava, portanto, a ser difícil conquistar um lugar de primeiro plano.

E surgiu mais um ídolo: Jack Johnson, que para muitos viria a ser o melhor pugilista de todos os tempos.

Foi, com efeito, por essas alturas de 1906, que apareceu, nos «rings» norte-americanos, um «boxeur» de raça negra em situação de logo chamar sobre si as atenções gerais dos muitos adeptos da modalidade. As suas excelentes condições físicas, invulgar complexão atlética e grande estatura — e o seu magnífico estilo de combater, deram brado, causaram admiração.

Os factores que apontamos permitiram-lhe rápida ascensão na carreira. As suas aspirações não fulharam. E viu-se, então, Jack Johnson desfeitor Tommy Burns, que ostentava, desde Fevereiro de 1906, o título de campeão mundial de todas as categorias.

1908 — Em Sidney, na Austrália, assisteu-se a um combate em que, pela primeira vez, um negro disputava a um branco o título de campeão mundial. Difícil descrever o interesse suscitado por este combate. Digne-se, apenas, que se arranjaram acomodações para 20.000 espectadores... e que fora do recinto cerca de 40.000 pessoas aguardavam o desfecho da luta.

Desassete quilos de peso e treze centímetros de vantagem na estatura davam a Johnson as melhores probabilidades de vitória.

Burns, com os seus 75 quilos, opôs ao negro (92) tenaz resistência. Mas Johnson fez alarde de magnífico estilo e combatividade e ao fim venceu brilhantemente, perante a indignação do público.

Durante muito tempo não surgiu quem inquietasse o novo campeão. Ou talvez melhor: ninguém se sentiu capaz de travar luta com o negro...

Indúzia, entre os norte-americanos o desejo de descobrir quem pudesse arrebatat o título a Jack era cada vez mais ardente.

Podia lá admimir-se a supremacia de um negro?

Até que Jeffries, antigo campeão mundial, foi «designado» para a ingrata tarefa. Durante um ano — tanto levou a sua preparação — Jeffries gozou os privilégios de um ídolo. Os simples treinos permitiam-lhe receitas que não eram de desprezar; e os comerciantes e fabricantes disputavam a primazia de poder anunciar que Jeffries utilizava os seus produtos.

1910 — Na cidade de Reno, no Canadá, Johnson e Jeffries defrontaram-se perante mais de 25.000 assistentes. A receita bruta atingiu a cifra de 278.000 dólares. De Nova-Iorque saíram para Reno carreiras especiais, conduzindo milhares de «curiosos». As duas e meia da tarde, do dia 4 de Junho, deu-se o começo à luta.

Johnson imbôs nos quatro primeiros assaltos o seu maravilhoso «showing» e fez do adversário: o que quis. No quinto «round» a vantagem do negro acentuou-se e Jeffries chegou a estar «egroggy».

Algum da assistência tentou abojar Johnson com um tiro — tal era a indignação que o domínio do negro provocava! Mas a luta prosseguiu. O campeão resistiu a uma reacção do adversário e acabou por derrubá-lo ao 15.º assalto.

Um irmão de Jeffries não se contentou sem subir ao «ring»... a procurar uma «lesforra» fraternal. Claro que Johnson não teve dificuldade de em pôr fora de combate o inesperado adversário.



Maria de Lourdes Bessone Basto

A MELHOR NADADORA de 1943

NO Estádio Náutico do Sport Algés e Dafundo — verdadeiro monumento, erigido mercê de esforço e dedicação impossíveis de traduzir em meras palavras de elogio. O sol radioso da manhã cai a prumo sôbre esta obra grandiosa, produto da vontade de bem servir a causa elevada e nobre do desporto.

A figura gentil de uma mulher fixa-se na beira do cais, flexiona-se e distende-se rápida. Um corpo esbelto corta o espaço qual flecha e mergulha impecavelmente nas águas, para deslizar depois com suavidade de movimentos própria de quem se encontra no seu elemento...

Maria de Lourdes Bessone Basto, a melhor nadadora do ano, honra a «Stadium» com uma exibição e proporciona à «Leica» de Nunes de Almeida inúmeras imagens, plenas de movimento, cheias de beleza. A película, mais feliz do que a retina, tem o privilégio de as guardar perpetuamente...

A valorosa campeã bem merece que arquivemos nas nossas páginas, para a posteridade, a sua arte de nadadora e as suas belas qualidades de desportista.

Por mérito próprio — ou não lhe corresse nas veias o sangue do «veterano» Rodrigo Bessone Basto, o brilhante campeão de ontem e dedicado impulsionador de hoje — Maria de Lourdes elevou-se briosamente ao nível das mais destacadas figuras da natação portuguesa.

Na época que encerrou há pouco deu ao «seu» S. A. D. os momentos inesquecíveis de várias vitórias, conquistadas no magnífico cenário de Espinho, entre aplausos entusiásticos — a premiar o seu generoso esforço, mas reflectindo-se na grande obra do clube que representava. Triunfou nos campeonatos nacionais que disputou: 100, 200 e 400 metros livres e 100 costas. Antes, nos regionais de Lisboa de júniores, somou cinco títulos...

Pratica o estilo bruços mas prefere nadar «crawl» de frente e costas. Desde os sete anos que «aprendeu a vencer»... Quási que ininterruptamente, os anos passaram transformados em vitórias. E a sua esforçada actividade foi até o ponto de servir de guia, em 1938, como fizeram sempre os melhores nadadores do S. A. D., a um dos concorrentes à travessia popular do Tejo — interessante competição de propaganda organizada pelo nosso colega «O Século» — com a satisfação de ver o seu «pupilo» classificado nos lugares de honra...

Não é possível deixar aqui todo o «palmarés» de Maria de Lourdes. Os seus dezoito anos



(que se nos perdõe a involuntária indiscrição...) deram-lhe já muitos prémios — e o espaço não sobra para permitir que falemos de tudo. Há, porém, ainda uma nota a focar: os seus «récorde», da categoria de juniores, nos 100 metros de «crawl» de frente, em 1 m. e 28 s., e nos 100 metros costas, com 1 m., 36 s. e 5/10.

A valorosa campeã do Algés e Dafundo personifica a gentileza e cativa por natural mas cintilante simpatia.

Recebeu «Stadium» com a sua peculiar amabilidade e nadou, prazenteira, de bom grado, brindando-nos com as imagens indispensáveis à reportagem. Lançou-se nas águas da piscina com alegria, exibiu os vários estilos que cultiva — e acabou contente... As suas últimas palavras, em resposta aos nossos agradecimentos, marcam a dedicação de uma desportista pelo seu clube: «Falem do Algés, do que se faz aqui — e do que todos lhe queremos...» Como que a dizer-nos que a sua figura brilhante de nadadora só lhe interessava como elemento de propaganda de uma grande obra!...



Aos 7 anos — no dia da primeira vitória

Dois pormenores curiosos, para fechar: Maria de Lourdes é sobrinha-neta do saudoso Florêncio Ricardo Domingues, que foi durante anos dos mais valorosos pioneiros no notável trabalho do S. A. D., cultiva, com a sua apurada sensibilidade de mulher, a bela arte da música, revelando-se pianista muito distinta, de real valor.

Aqui fica, a largos traços, a pequena história de uma grande desportista.

Por que não lhe seguem o exemplo todas as mulheres portuguesas que, afastadas da vivificante actividade do desporto, descuidam de possuir coração forte em corpo são?



Pronta...

Aspectos do último Fareense-Olhanense

A-pesar-da chuva, foi enorme o entusiasmo que rodeou o encontro Fareense-Olhanense, disputado na pretérita semana, no qual o segundo venceu por 2-0. As nossas gravuras focam duas fases do jôgo e um aspecto da assistência, que vibrou intensamente em todo o desafio

(fotos Espírito Santo)



ESTÁ EM JÓGO UM TÍTULO

A TRADICIONAL LUTA entre os históricos

O Belenenses continua invencível — A fuga do Unidos

Comentários por TAVARES DA SILVA

VOLTOU o bom tempo. De uma semana para a outra. Os pitons foram substituídos pelas travessas, elemento suficiente para sustentar o jogador em campo, dando-lhe o indispensável equilíbrio e harmonia. Não se julgue tratar-se de um problema de somenos importância. Pelo contrário, o jogador deve pôr grande cuidado no seu calçado, por iniciativa própria, ou obrigatoriamente pelo treinador.

Contra o Benfica, por exemplo, o Fósforos sentiu as consequências nefastas da falta de pitons, em terreno que os impunha. De resto, até já em desafios internacionais se tem feito sentir o estado da bota utilizada pelo jogador. Lembra-nos certo Portugal-Espanha, em Sevilha, em que um jogador fracassou, por tentar em não pôr nas suas botas a protecção contra o terreno.

Todavia, no último domingo, o tempo era ideal para a prática do futebol. Nem chuva, nem calor, nem frio. Um destes dias privilegiados do nosso clima.

Sintomas futebolísticos: continua a praticar-se *association* de nome aceitável; concorrência de público e, provavelmente, sua melhor distribuição; progresso em matéria disciplinar.

Esta jornada só tinha verdadeiramente dois pontos de interrogação que interessavam à classificação geral: um, respeitando ao primeiro posto; outro, ao último.

Como foram resolvidos, já todos o sabem. O Belenenses, caminhando sobre vitórias, já quasi pode ostentar na sua frente a coroa de louros. Para à *endurance* do Fósforos, o Unidos deve ter-se salvo do derradeiro posto. Coisa muito importante — por outras coisas...

As unidades de renovação do Sporting e do Benfica

A renovação da linha sportinguista, ao contrário do que se poderia supor pelo último indicio, prossegue, com altos e baixos, incêndios e desorientação, que tudo isso é próprio desses referidos movimentos.

Volto-me à *asa esquerda* do signo novo. Colocou-se dentro da sua função verdadeira um homem ultimamente alinhando no eixo do grupo. Motivos mais do que suficientes para se seguir a evolução sportinguista com muito interesse!

De tudo isto fica-se com a certeza de um valor já firmado: o jovem Albano, do Seixal. A um elemento que joga há tão pouco tempo num clube tão sobre as vistas do grande público não se pode exigir mais. Mas o que impressiona neste rapaz, endurecido com as ondas que beijam a sua terra e a vida daquela humilde mas honrada população seixalense, não é tanto aquilo que ele está a fazer, em domínio de bola, rapidês de movimentos e força de chute, como o que se adivinha que ele será capaz de fazer, quando em planitude de conhecimento. Também o *interior* (Virgolino), o qual não acusa grandes progressos, relativamente ao primeiro dia, sinal evidente de que o péso da orientação técnica não se fez sentir na sua actuação, denota e vinca a sua habilidade natural com a saliente falta de físico (aspecto importante num desporto de competição que dia a dia requiere mais forças e energias). Quanto a A. Marques, como que perdido na imensidão do deserto, sem saber o que deve fazer ou ainda como se deve orientar, deve dizer-se que, se algum mérito o rapaz tem, é no seu costumeado posto, e não em posição de recuar. Não esteve mal, de todo, no domingo passado.

E tudo isto estaria certo se não fôra a má-

gica aparição de Pedro Piresa (o jogador que já não é, em constante, nem avançado, nem médio, porque naturalmente o seu *fim* chegou, e a força muscular manifestamente se nega a executar o que ele sabe, ou o fruto da sua experiência) no eixo da linha medular, o lugar de relêvo de um grupo, mesmo tendo em conta as concepções. Nem queremos insistir neste ponto, que denota uma incapacidade de orientação a toda a prova. Piresa falhou no jogo de interceptação e de alimento no ataque, pela sua inepta coloração, e ainda por nítida morosidade, um pouco a falta de poder físico, ou força muscular nas pernas.

O Benfica que, parecendo que não, pela inteligência que procede, se dá igualmente ao problema do melhor ajustamento dos seus valores na frente, apresentava apenas a novidade, para nós, da deslocação de um extremo para interior (Rogerio). Já José Simões, o sensato *contrôleur* do grupo, nos tinha afirmado que Rogerio cumpria inteiramente. Mas faltava vê-lo em plena acção, e contra adversário capaz de dar luta viva. Importa apenas que tudo está certo na apreciação feita. O rapaz move-se no terreno apertado do contacto com os defesas com grande *à-vontade*, não perdendo a direcção da bola nem a noção do que se tem a preciso fazer. É claro que não vamos tão longe que afirmemos tratar-se de um meia-ponta ideal. Falta-lhe a *faculdade de romper*, indispensável por vezes, aquilo que os espanhóis designam por *empuje*.

Da resto, da actividade em campo destas unidades de renovação, porisso se justificando a larga referência, resultou o jogo, no seu todo.

A linha média, elemento justificativo da vitória e da derrota

Não se pode dizer que o Sporting tenha feito má figura em frente do Benfica, mesmo porque os result-dos ficam, e todo o resto esquece. Mas lembrando-se em *todo o resto*, e fora de dúvida que os sportinguistas souberam dar luta, e cada jogador, tal qual lhe estava destinado no plano da luta, lutou devidamente. O melhor que pôde.

Onde a diferença de valor surgiu sensível foi na linha medular, a espinha estrutural do conjunto. Mesmo por abstracção não se pode imaginar uma árvore com ramos folhas e flores, mas sem tronco. O contrário, já é possível. Haver tronco — sem folhas.

De um lado, estava um terço modular muito afinado. Com defeitos, é certo. Quem poderá deixar de vêr o problema benfiquense, mais tarde ou mais cedo, no centro da célula do meio? Mas com evidente equilíbrio com todas as suas intervenções, e até no seu processo. Do outro lado, esteve uma linha medular sem medula, pela falta de médio-centro. Mal que se cindiu noutros males. Por influência e necessidade, os médios-asas, com uma função própria, viram-se a braços com problemas que não contavam, diminuindo o valor da sua tarefa, normalmente cumpridora.

O médio-centro (P. Piresa) fez falhar todo o sistema da marcação — por não ter marcado ninguém. Facilitado por essa orientação, o trio mexido do Benfica exibiu-se à vontade (Rogerio, Júlio e Teixeira), somente accedido pela defesa contrária — podendo Julinho rematar o 4.º ponto, o *goal* da vitória, nas condições em que o fez — comendo um rebuçado!

Quando assim acontece, não se pode levar à conta de desgraça as derrotas sofridas, mas somente à resultante das forças e valores postos em luta. Não queremos fechar este capítulo

sem uma referência aos *maus lançamentos*. De jogo para jogo vai sendo habito vêr-se os médios, ou outros elementos, reporem a bola em jogo com infracção das regras. Que isto aconteça naqueles grupos que principiam — vá que não vá, mas nos *teams* de mestres — brada aos Céus, se não fôra a prova evidente da improvisação e do desleixo tão característicos dos *teams* portugueses.

O Benfica reedita uma velha tática

O pensamento de muitos *teams* consiste em dar a medida máxima no período do começo da partida. Não há melhor forma de conter em respeito o adversário do que demonstrar, logo às primeiras, que a nossa força é superior à força do antagonista. O dominado reconhece-se da superioridade do dominador, e então tudo se passa no melhor dos mundos. Por tão sabida, esta tática ou orientação tinha abalados os seus créditos. O Benfica reedita-a agora, e com maior vigor do que no passado. A orientação está a dar-lhe os melhores resultados, pela simples razão de que o *team* é capaz de dominar nesse período inicial. Porque não basta dizer-se: *Não vou deixar respirar o adversário*. É preciso mesmo não o deixar respirar...

Que faz o Benfica para atingir os seus objectivos? Tudo coisas simples, e muito fáceis de dizer: jogar com rapidês desde o pontapé de saída, numa successão de pontapés; e com vontade de ferro, a vontade característica dos homens fortes e conscientes da sua força.

Dentro deste processo, o ataque *vermelho* teve movimentos impressionantes, tão rápidos que a vista quasi não conseguia deter-se neles, e tão desorientantes que a defesa contrária se viu em apuros para deter este galope fulminante de bons pés e melhores pulmões.

Tão vindados foram estes factores de velocidade e vontade que nem as circunstâncias do jogo, a chamada *reviravolta* esporinguista, conseguiu pôr-lhes termo, pois no recomêdo da partida, após o solutar descanso, a equipa se apresentou mais viva, com mais vontade e rapidês do que nunca. Certo, os factores de acaso do jogo estiveram nessa altura pelo seu lado, mas não há dúvida de que o *team* torceu o ritmo e as circunstâncias, abrindo à força de pulso, por assim dizer, o caminho do triunfo.

Vista geral do Campo Grande...

Não chega a perturbar-nos as inclinações clubistas, nem o vento que de elas sopra. Porisso afirmamos, em consciência, que, tendo de ganhar no Campo Grande uma equipa, não podia deixar de ser o Benfica essa equipa.

Desprezando o pormenor, e vendo os grupos apenas no seu trabalho de conjunto, do principio ao fim, há que afirmar que o Benfica patenteou uma ligação entre os três *departamentos* que o Sporting nunca conseguiu, nem conheceu, caracteriz-nos antes o seu jogo por movimentos fragmentados, repartido como estava o grupo em duas partes: uma defesa com dois jogadores brilhantes; um ataque de bom nível; falta de ponte de passagem da defesa para o ataque.

Questão importante decidida a favor do Unidos

Nas vésperas da oitava jornada, um dirigente do Unidos afirmava nos que a *pouca sorte* ia terminar no passado domingo. O orientador do Fósforos, palpitando de esperanças, disse-nos da sua *certeza* no triunfo. Tudo que animava ou vivia no íntimo dos dirigentes dos dois clubes passou para os *teams*. No Lumiar A, qualquer dos grupos tinha perfeitamente a ideia da responsabilidade do encontro, compreendendo como era necessário esgotar todos os recursos.

O Fósforos deu a cara, já se sabe que o seu poder técnico é mais ou menos reduzido. Por isso não pode espantar que o clube de Marvila tenha posto em campo as suas qualidades: a coragem no despie, a energia no corpo a corpo, a sua infatigável actividade. De tudo isto resultou, porventura, um futebol em força caracterizado por dureza. Mas estas características têm beleza. Registe-se que o Fósforos foi o primeiro a marcar (um *goal* no começo não exerce grande influência na partida), e o *team* que se pôs, no começo da segunda parte, deliberadamente, ao ataque, resolveu a recuperar o terreno perdido. Apesar de lhe ter sido dada uma oportunidade magnifi-

ca, o Fósforo viu esfumarem-se as suas esperanças.

Principalmente porque o Unidos exerceu uma vigilância de todos os instantes ao seu adversário, compreendendo a necessidade de cobrir todos os movimentos. Serviu-se o Unidos, para o efeito, da sua maior experiência e da sua inagável superioridade de técnica. Esta foi patente, embora se tivesse, por vezes, desmanchado graças à fúria dos homens do Fósforo — que não se limitam a trazer uma camisola em cima do peito.

O Unidos conseguiu d'este modo a sua primeira vitória no torneio, e pela justa diferença de goals que o coloca no abrigo de protecção contra a investida do Estoril Praia — que este ano recende a vigor e técnico. E tudo consiste em saber se o Unidos e o Fósforo se quedarão com a única vitória, ou se os seus bélicos e naturais propósitos os levarão um pouco mais longe.

O desafio da Tapadinha não tem história

Não tem história uma coisa que prometia ter história. Realmente, os primeiros momentos indicavam luta viva, animada e forte de emoção, como em geral o Atlético caracteriza as suas intervenções na Tapadinha. E não hesitamos em afirmar o nosso convencimento de que, caso não se tivesse dado o acidente que tudo tirou à partida, o Belenenses passaria um doloroso momento de transe, o momento que aponeta sempre as equipas no assalto ao título.

Foi o caso que, no primeiro quarto de hora, o guarda-rédes do Atlético abandonou o campo para não mais voltar, e é evidente que a partida morreu nesse momento.

Já com os grupos completos, e a-pesar-de tudo, o favoritismo pendia para o Belenenses. Que dizer, ficando o seu adversário sem keeper e com o grupo desorganizado pela forçada passagem de um elemento para esse posto?

Porque se trata de unidade especial que, de certo modo, vive separada da parte restante do corpo do team, há quem defenda, como Ribeiro dos Reis, que devia permitir-se a substituição desta unidade, para não estragar nem diminuir o espectáculo.

Não repugna aceitar a doutrina da substituição do guarda-rédes, mesmo em jogo de competição. Todavia lembramos que um team é um bloco que entra em campo, não deve tocir-se. Todo o critério tem de se dirigir ao team, e não a um posto do team. De resto, toda a gente sabe o que se passa nos desafios internacionais em matéria de substituições. Pura as fazer, há sempre a possibilidade de uma lesão. Pense-se o que aconteceria, quando um guarda-rédes estivesse em má tarde, e sempre, como acontece, sob as vistas do treinador. Não haveria um guarda-rédes que não se magoasse, e o espírito da luta seria atrelado...

O que impressionou na Tapadinha foi o facto de o Belenenses, à vontade, sem preocupações, não ter brilhado. Ora, bem pode ter acontecido que o Belenenses, com o mal de um interior substituído de Eloi, não tenha dado exactamente a excelente medida da sua capacidade por jogar — sem preocupações.

Os números falam...

A classificação geral mantém a sua estrutura, embora tive-se sofrido a alteração que respeita ao último classificado, a situação da lanterna vermelha. Vejamos como falam os números e demais elementos.

1.º Belenenses — 24 pontos (8 vitórias em 8 desafios, 36-8 em bolas). 2.º Benfica — 21 pontos (6 vitórias, 1 empate e 1 derrota, 35-18 em bolas). 3.º Sporting — 17 pontos (4 vitórias 1 empate e 3 derrotas, 22-20 em bolas). 4.º Atlético — 14 pontos (3 vitórias e 5 derrotas, 21-28 em bol s). 5.º Unidos — 10 pontos (1 vitória e 7 derrotas, 13-34 em bolas). 6.º Fósforo — 10 pontos (1 vitória e 7 derrotas, 12-36 em bolas).

A vida do Belenenses não sofre panes. Cada adversário que se lhe opõe, cada adversário que cai. Do 2.º ao 4.º lugar não há quaisquer alterações. Os postos mantêm-se. De importante é a subida do Unidos e a descida do Fósforo, devido ao favor dos goals. Parece impossível com um goal, em determinadas circunstâncias, vale tanto. Resta saber se a descida de um team esforçado como o Fósforo ficará apenas no último posto da I Divisão — ou se irá mais além...

Outros torneios de futebol

II DIVISÃO DA A. F. L.

DISPUTARAM-SE no último domingo os encontros da nona jornada do campeonato da II Divisão da A. F. L. Os encontros forneceram os seguintes resultados:

Marvilense-F. Benfica.....	4-3
S. L. Olivais-Sacavenense.....	4-2
Operário-Estoril.....	2-4
Casa Pia A. C.-Chelas.....	3-4

Verifica-se a coincidência curiosa de todas as equipas que venceram terem fixado o seu activo em quatro goals. Em relação à primeira volta, registe-se que o Estoril e o Chelas, agora, actuando nos campos dos adversários, voltaram a ganhar, mas por scores que deixam transparecer maiores dificuldades; que o S. L. Olivais alcançou uma excelente desforra e que o Marvilense, obtendo o «score» mais desvelado da «ronda», desfez o empate de há meses.

No quadro das classificações produziram-se mais alterações do que oito dias antes, voltando a haver equipas com igual número de pontos. O Chelas passou de terceiro para segundo lugar, permutando com o F. Benfica; o Marvilense, que era quarto, ficou com o mesmo número de pontos do que o terceiro; e o Casa Pia deixou que o Olivais — «clantera vermelha» — alcançasse. A classificação ficou assim ordenada: 1.º Estoril, 27 pontos; 2.º Chelas, 20 p.; 3.º Marvilense e F. Benfica, 19 p.; 5.º Sacavenense, 16 p.; 6.º Operário, 15 p.; 7.º Casa Pia A. C. e Olivais, 14 p. O cederer logrou mais um ponto de avanço sobre o segundo.

Uma nota a fazer: o Estoril Praia perdeu ontem o seu primeiro ponto no conjunto de todas as categorias; a reserva veio empatar a S. Vicente.

Nos quatro desafios marcaram-se 23 goals — tantos como oito dias antes. Nas jornadas anteriores: 13, 25, 27, 10, 19, 25, 14 e 23. Total: 120 — média de 20 pontos por jornada.

O Marvilense, em melhoria de forma, alcançou melhor resultado do que poderia esperar-se, em face da regularidade que a equipa contraria tem evidenciado. Mas os locais tardaram em firmar a superioridade; até ao intervalo a luta foi equilibrada. Walter esteve em evidência, marcando três dos quatro goals da equipa.

O encontro entre olivalenses e sacavenenses caracterizou-se pelo entusiasmo e energia dos contendores. Os «encarnados» dominaram quasi sempre e nunca foram dominados, o que quer dizer que houve um período de equilíbrio. Vitória, portanto, justa.

Os estorilenses passaram um mau bocado em S. Vicente. Na primeira parte dominaram sem custo e fizeram três goals; mas o Operário teve vantagem depois do intervalo e chegou a 2-3. E foi preciso um «canto», já nos últimos minutos, para dar tranquilidade aos visitantes.

O desafio entre o Casa Pia A. C. e o Chelas deve ter sido o mais equilibrado da jornada. Assim o faz o «score». Parece, porém, que o resultado foi lisonjeiro para os chelenses. Um período equilibrado e outro de vantagem para os casapianos justificavam o resultado favorável para estes; os avançados, porém, comprometeram as aspirações da equipa, pela infelicidade no remate. — ZÉ DO PEAO.

NO PORTO

EXTRAORDINÁRIA, a jornada de domingo! Não só pela enorme assistência que emoldurava o rectângulo da Constituição — não nos recorda de ver semelhante — como também pela «epuiação severa» sofrida pelo Salgueiros. Foi um «banho gelado».

Este Porto-Salgueiros teve duas partes distintas, correspondentes, justamente, aos dois tempos do desafio. No primeiro, os «cazis-brancos», a-pesar-de só terem partido para a vitória um pouco tarde, deram-nos a exibição plena das suas possibilidades. Todo o conjunto revelou «afinação», desde o sector defensivo até ao ataque — que fez jogo esplêndido. Do lado contrário, só a defesa e a meia defesa revelaram personalidade, porquanto o ataque está longe de ser útil, isto é, de corresponder aquilo que os sectores da retaguarda dele esperam. Esta linha qubra espectacularmente pelo centro, onde o jogador que ocupa esse lugar não revela qualidades nem valor para o preencher. Está aqui o «defeito» da turma salgueirista, defeito que deve remediar, pois está à vista o campeonato maior.

Na segunda parte, os «encarnados» afundaram-se a partir do 4.º goal. É inexplicável este fracasso, porquanto todos estamos habituados a ouvir falar na calma salgueirista... Onde esteve ela, no 2.º tempo? Todos os sectores se esfrangalharam. Só um ou dois homens escaparam à «dorçada». Os restantes «viajaram», como se o terreno lhes fosse descaído. Mas, muito mau, como presunção para os grandes jogos...

O Académico voltou a ganhar, coisa que não sucede todos os domingos... Já soma duas vitórias, que lhe dão confiança para fugir à «clantera vermelha». Este lugar está reservado, por infelicidade, ao Leça.

O Leixões, derrotado, viu fugir-lhe a possibilidade do 2.º lugar. Pode dizer-lhe que este ano já conseguiu desfazer-se do Boavista, confortando-se, já conseguiu desfazer-se do Leça — que anda com pouca sorte; no campo e nas camisadess... Venceu a gente do Bessa, mas venceu muito mal. De onde se prova que os leiceiros, mesmo com a «malapata», ainda dão que fazer...

Um reparo: no campo da Constituição o formigueiro humano «usou» e abusou do espaço que lhe era reservado. Havia cachos de dependidos nos tapumes, nos antecios, em todos os sitios onde se pudesse caber... e ver o jogo! A policia fez o que pôde para evitar desastres, e quando não pôde mais, mandou fechar a porta.

E agora uma pergunta: Qual é a lotação e quantos bilhetes se venderam para este campo? — MARIO AFONSO.

«STADIUM» custa quinze tostões e vende-se em toda a parte.

EM COIMBRA

DIR-SE-IA (como na fita que a critica e o publico aplaudiram) nesta «fim de festa» do torneio da região — E tudo o vento levou... lusoas, as mais faqueiras, crenças num porvir melhor, e anseios, legítimos e humanos, de que a prova tomasse outro rumo! Afinal, a Académica prossegue vitoriosamente na sua campanha, a-pesar de todas as tentativas e diligências do Unidos, com firmeza e brio de verdadeiro campeão. Mas a proeza dos «unitedistas» — sem dúvida alguma altamente meritória e lisonjeira — teve feros de acatamento de vulto cá do burgo. Justifica-se, por consequência, a enchente que o campo registou — a maior assistência dos últimos anos a desafios de futebol.

O Unidos lutou com afã; mas os estudantes superaram-no em tudo. Venceram. Com brilhantismo. Cinco goals — sem resposta (de Joaquim João e Alberto Gomes, aqui e lá — este com dois na marca) fizeram o resultado da partida.

O torneio acabou, praticamente, com este jogo porque o que se seguirá já não interessa para a marcha da prova. Parabéns ao Unidos pelo seu comportamento, que deve classificar-se de brilhante. A todos os títulos.

Mais um título para a Académica aceita-se como desfecho naturalíssimo, porque o contrário é que seria para admirar...

O Lusitânia bateu o Sport por 5-0. Sem margem para grandes comentários. Somente o «score» merece assinalar-se, pelo que teve de imprevisito.

Na «ligueira» do 2.º e 3.º de Novembro derrotou o Anadia, naturalmente, por 2-1. «Goals» de Mourinha (Naval) e Rocha (Anadia). Anote-se o bom comportamento dos visitantes, com réplica valorosa. — M. DE CASTRO.

EM SETÚBAL

COM a sua vitória sobre o campeão, os setubalenses conquistaram praticamente o título. Falta-lhes, apenas, vencer em Setúbal, na última jornada, o Amora F. C., o que não supomos difícil. Ainda mesmo que as coisas lhes corram pelo pior, no próximo domingo, frente ao Barreirense e no campo destes, a margem de pontos de que disfrutam actualmente chega e sobeja...

O Barreirense ficou agora isolado no segundo posto, mas somente a um ponto de diferença do Unidos. A luta, portanto, vai travar-se entre estes para aquele lugar. E nisto reside o interesse das duas jornadas do fim.

Bastou um goal ao Vitória, obtido a meia hora do segundo tempo, para poder considerar-se já campeão. Mas o futebol exibido foi mediocre, tanto no que diz respeito ao vencedor, como ao Unidos, não chegando a interessar, sob o aspecto técnico, a grande assistência que se reuniu no campo dos Arcos. E digamos que nos próximos jogos, quer de uns quer de outros, mórmente no capitulo remate, que escasseou bastante. As equipas lutaram com a preocupação de se defenderem, quando, afinal, ambas tinham absoluta necessidade de fazer «goals»... O Vitória, porém, foi mais ofensivo.

Em Arroteia, o Barreirense fez um resultado que não surpreendeu (3-2). Os vencedores exibiram-se bem durante o primeiro tempo, mas depois encontraram nos adversários muita vontade e energia, sem causarem, contudo, apreensões aos adeptos dos visitantes.

O comportamento dos montifenses perante o Luso merece parábens. 3-3 traduz de facto o equilíbrio verificado num jogo em que imperou a força. Mas o triunfo para os visitantes não nos surpreenderia.

Mais uma vez se encontraram os rivais de sempre e desta vez no Seixal. O empate (2-2) parece indicar suopremacia para os lados de Amora, pois os locais triunfaram na primeira volta e não consentiram que os vizinhos seizesenses, na sua própria casa, obtivessem agora a desforra... — JOÃO DIAS.

NO ALGARVE

A prova não tem mais interesse! O Olanhense pode contar, de novo, com o título. E, também, com o «pesado» encargo de defender — o termo, aqui, tem propriedade — o futebol algarvio na I Divisão do Nacional... A tarefa não é, realmente, para desperdiçar; nem sequer invejável! Os «leões» de Faro tinham esperanças, que ruíram como frágil castelo de cartas no último jogo; é mais um ano de espera, se, entretanto, as coisas não se modificarem.

Resultados da jornada: Olanhense-Lusitano, 4-2; Louletano, 2-1. O «match» de Faro (entre os sportingistas e os benfiquenses da capital) não se efectuou, devido ao mau tempo.

Pouco a dizer da «ronda», que foi normalíssima, apenas. E, quanto a classificações, ficou-se na mesma: o Olanhense à frente, com mais cinco pontos e menos um jogo que o Farense.

NO MINHO

EMBORA ganhando folgadoamente ao Viseia (1-1; resultado histórico), os famalicenses já não podem ter mais aspirações à conquista do título. E pela razão simples de que os campeões bateram o Gil Vicente (7-0) e continuam na vanguarda, com mais quatro pontos. Agora, só um desastre — que não parece natural. A jornada teve, no entanto, motivos de interesse. Não pelas lutas — mas devido aos resultados delas. Tanto assim que os bracarenses foram perder, a Fafe, por 0-3. Quem mais completo!

O «match» do Rei Araujo — aquele que retinha as maiores probabilidades de destronar o Vitória — perdeu, em três domingos seguidos, todas as esperanças. Marcha agora em terceiro lugar, com menos um ponto que o Famalicense e a cinco dos campeões.

Quere dizer: temos novamente os vimaranenses no Nacional. Oxalá que eles se portem tão bem como no torneio de 1942-43.

NO GRANDE "MATCH" DA 8.ª JORNADA
o Benfica VENCEU O SPORTING
 BATENDO-SE COM ARDOR PELO 2.º LUGAR



Azevedo segura valentemente um remate de Julinho



A. Marques conduz uma avançada "apertado" por Alcobia



Canário em luta com Teixeira



A. Marques acaba de marcar o 1.º ponto dos "leões"



Azevedo acaba de arrebatar a bola dos pés de Teixeira e guarda-a ciosamente



O 3.º "goal" do Benfica...
 ...e o entusiasmo da multidão quando o ponto se verificou



Enquanto Azevedo permanece no solo, Valadas e Julinho dão largas ao seu entusiasmo pelo 1.º "goal" da tarde



Ideias, Projectos e Castigos

enquanto não começa a época...

A CONSELHAMOS os leitores que vão até ao Parque Mayer, naquelas noites em que houver reuniões de «boxings». É rir a perder, creiam, com as graças de certo sector do peão, R-gra geral, o português é alegre e amigo de brincar. Pois ali, naquele reduto do Parque, parece que vibra a alma popular! Alguns ditos têm realmente espirito, são lançados quasi sempre a propósito e desencadeiam, por vezes, a gargalhada unisona e saillêde. Vale a pena ir lá. É um ped'ço de noite bem passado. Isto, claro, não envolve reclame de espécie alguma para a empresa — porque a alegria vem inteirinha do peão... Numa noite destas (exibiam-se alguns antigos *boxeurs*, uns barrigados e outros calvos, todos de certa idade — mas não de idade certa! — que iam colaborar numa festa de carácter beneficente) foi de morrer a rir! De entre tantos «piropos» — um houve que teve imensa graça e provocou a hilaridade, até, do próprio viandante! Foi o caso que a um dos *boxeurs*, de calva reluzente, a espelhar-se mais sob a luz directa das lâmpadas que alumina o centro do *ring*, alguém aconselhou: *¡Vai pintar a clarabóia de azul!* E não lhes contamos o que sucedeu, pois ainda agora nos dá vontade de rir...

QUANDO se é jovem e se tem merecimento (seja em que modalidade do desporto for) todos nos acarinham. Mas a idade não perdoa. E o público, que é uma eterna criança, tanto constrói ídolos como os derruba ou esquece. Passa o tempo! E então... Aparecem as calvas e as primeiras desluzes! A ingratiidão humana é imensa — como se verifica sempre nas horas de maiores «puros». Ainda há dias verificámos isso mesmo. A festa de Silva Ruivo merecia ter ido toda a gente, em especial aquelles que elle delicia, com a finura e a elegância do seu jogo, há vinte anos ou mais. Por solidariedade, ao menos. Mas não aconteceu assim! Bastante gente, é certo, mas não tanta quanto seria necessário. E a respeito de amizades? Podem contar-se pelos dedos os antigos companheiros, discípulos e amigos de Ruivo que estiveram presentes... É triste. Muito triste. Mas é a própria realidade. Quando se é jovem e se tem valor, todos nos acarinham! Depois? É o esquecimento! E a saúde — que Ruivo sentia — aparece então com todo o seu rosário de desventura.

GERMANO de Magalhães, um veterano da patinagem, que pratica desde criança, vai, ao que consta, abandonar a actividade. Merece que lhe promovam homenagem condigna, porque muito tem trabalhado em proveito do desporto dos patins. O seu clube, o Benfica, decerto não esquece o atleta — que tantos momentos de glória lhe proporcionou. Mas ocorre, neste caso, uma circunstancia especial: é que o «velho» Germano (que já passou a casa dos 40... e não desiste...) quer oferecer ao seu clube, no dia da despedida, todos os troféus que conquistou: cerca de duas centenas de medalhas e vários outros prémios, como taças, bronzes, «plaquettes», etc. Enfim: um caudal de recordações. Ora aqui está uma attitude de elevada significação, que devia ser seguida. Mas é que, entre nós, os bons exemplos nem sempre têm imitadores...

UMA Idéia puxa outra! E assim foi que, quando soubemos do proposito de Magalhães, logo nos ocorreu promover — não acham que seria interessante? — uma exposição de troféus particulares, conquistados individualmente por atletas. Haveremos de voltar de novo ao assunto.

REPROVAMOS sempre quaisquer attitudes de indisciplina, quer individuais quer colectivas. E por consequente aplaudam-se as attitudes tomadas por quem de direito, para impôr a ordem. Está neste caso — por ser recente — a Federação de Basket. Houve «coisas que não estavam certas» no meio, lá pelo norte, e os federativos não estiveram com meias medidas. Que nunca as mãos lhes doam. Ora assim mesmo é que é — porque a própria Fe-

EM Lisboa, centro de mais população e com maior aglomerado de clubes praticantes, a época de «basket-ball», oficialmente, ainda não começou.

A abertura (no que respeita à provincia) ficou assinalada pelo Torneio dos Campeões, em Coimbra, seguindo-se-lhe a viagem de propaganda do Atlético ao norte. E mais nada!

É pouco, realmente, com a agravante de não se ter assistido, ainda, na capital, a nenhum jogo da modalidade — ao contrário do que succedeu já no Pôrto e em Coimbra, em Aveiro e Gaia.

Única nota de actividade a destacar neste marasmo incompreensível: os treinos dos clubes, que têm decorrido, em geral, com regularidade. Mas, de positivo, nada se fez ainda. E, contudo, há idéias e projectos — muitos projectos e muitas idéias... Organizações particulares — a de maior importância deve ser a do Carnide Clube — e provas officias, as habituais.

Entretanto, a Federação resolveu ampliar o prazo para a admissão dos pedidos de licença (1.º período) — equivalendo isto a dizer-se que, em Lisboa, os clubes devem ter a sua situação regularizada até o dia 15, inclusivé. Vantagens directas, existem — e muitas — desde que todos saibam aproveitar-se da situação especial que a F. P. B. lhes proporciona.

Em sua circular n.º 6 (prova de actividades de secretaria neste principiar de época) a Federação determinou o seguinte, no que respeita aos pedidos de licença: indicação do clube pelo qual o jogador deve considerar-se qualificado; que o jogador tenha, pelo menos, 18 annos, comprovados pela apresentação do bilhete de identidade respectivo; que o candidato possua a necessária aptidão física (essencial à pratica dos desportos) comprovada pelo médico do clube ou onde exista serviço clinico organizado, e a ficha de modelo especial, devidamente preenchida; ter bom comportamento moral e civil, atestado por documento official.

Estas são as determinações que mais importa conhecer.

No que respeita a iniciativas de características particulares — as competições officias deverão começar nos últimos dias do mês em curso ou, talvez, nos primeiros do próximo — destaca-se a organização do Carnide Clube. A fim de comemorar o seu 23.º anniversário, a colectividade carnidense vai promover, à semelhança dos annos anteriores, um torneio nos dias 14 e 21, entre quatro clubes dos melhores de Lisboa, p'ndo em disputa a taça «Jorge Leitão Marques». Esta é uma idéia em curso.

Mas há mais projectos — a que oportunamente faremos a referência devida. Por enquanto, assinala-se que o Carnide está na vanguarda dos organizadores. Outros hão-de seguir-lhe as pisadas, certamente.

Já depois de isto escrito, tomamos conhecimento das determinações da Federação, no que respeita ás suspensões applicadas quando da effectivação dos primeiros jogos da tempo-

Clube de Futebol «Os Belenenses»

NA secretaria do clube encontra-se aberta, das 15 ás 19 horas e das 21 ás 24, a inscrição para todos os sócios e simpatizantes que desejem praticar o futebol na categoria de juniores.

deração, verificando, mais tarde, a inculpabilidade de alguns, inibi-u-os publicamente, resgatando d'esse modo o seu erro. No resto — tudo certo! Certíssimo. Pois só assim se morigeram costumes e se adquire autoridade. Ah! Que se todos pensassem e agissem da mesma forma...

rada: em Coimbra, Aveiro e Pôrto. As resoluções foram, principalmente, as seguintes:

Clubes do Pôrto — Castigo de repressão registada à Associação regional, por se verificar a sua negligência; multas de cem escudos ao F. C. Pôrto, Vilanovense, Fluvial, Ténis de Mesa e Portuense, e suspensão, por seis meses, aos seus jogadores, consideradas, porém, estas últimas expiadas em virtude das circunstancias atenuantes que concorrem a favor dos mesmos; multa de 250 escudos ao Vasco da Gama e suspensão, por seis meses, aos seus jogadores, as últimas penas expiadas pelas circunstancias anteriores; suspender, até ulterior resolução, o F. C. Pôrto, Ténis de Mesa, Fluvial e Portuense, devido à falta de identificação dos seus jogadores; manter a suspensão do jogador Abílio Serafim, até que a D. G. D. se pronuncie; instaurar processo disciplinar ao director Joaquim Alves Teixeira; e desclassificar o Vasco da Gama no Torneio dos Campeões.

Clubes de Coimbra — Considerar sem efeito as suspensões applicadas ao Sport, Olivais e Nacional e levantar, também, pena idêntica ao jogador Luís Porfirio da Silva.

Clubes de Aveiro — Multar o Galitos em cem escudos e castigar os seus jogadores, com seis meses de suspensão, expiadas as penas pelas mesmas atenuantes apontadas acima; castigar o Galitos com 30 dias de suspensão.

Em síntese: foram elibados de culpas os clubes de Coimbra, reconhecida a culpabilidade dos do Pôrto e a negligência da Associação portuense nêses casos. E, como consequência, o Atlético clube de Portugal foi proclamado vencedor do Torneio dos Campeões, a primeira organização particular da temporada.

FRASES E EXPRESSÕES

MUITO se tem feito — mas muito há ainda a fazer... — no captulo de educação das multidões. Deve ser o problema mais difficil de resolver.

De facto, dentro dos rectângulos, à parte um ou outro incidente da rápida movimentação — que passa aos árbitros, porque não podem vêr tudo — a disciplina vai-se impondo pouco a pouco, em doses progressivas, dando excellentes resultados, morigerando as attitudes anti-desportivas, reafreando instintos bellicosos, fazendo ingressar o desporto naquilo que tem de ser.

Fora do terreno dos jogos, porém, o caso apresenta-se ainda dentro do mesmo aspecto. As assistências não se convencem de que há especial necessidade de dur ao desporto o ambiente salutar e respeitoso que deve ter, por forma a tornar os campos «mais accessíveis a toda a gentes».

Não quer isto dizer que não compreendamos o incitamento, o entusiasmo, quando são feitos dentro da correção ou usando frases e expressões que não possam ferir o adversário.

Outro tanto succede com as inectivas aos árbitros, sempre prejudiciais, pois concorrem para os desorientar, desorganizando-lhes os nervos e provocando precipitações nos julgamentos das faltas. Verifica-se dia a dia que as intervenções intempestivas do público só dão péssimos resultados.

Usam-se expressões tão fora de propósito que pasmamos como se chegou a criar certa fraseologia especial para os campos de desporto, recheada de termos conlimentados de tal maneira que exigem enérgica repressão. Não se concebe o uso de certos ditos, de diachotes irreverentes — mas também não se compreenderia que se deixasse de cobrir certos abusos, que pouco dignificam as massas associativas.

Bem sabemos que a acção repressiva dentro dos rectângulos tem o seu reflexo na attitude das assistências, mas bom será que sobre estas se vá exercendo uma acção contumaz e persistente.

UM «INCIDENTE»

JÁ aqui o dissemos: há necessidade de acuar-tar os interesses da Imprensa — o mesmo que dizer do público — nos casos de excesso de zelo por parte dos clubes ou das associações regionais.

Preconizamos, não há muito tempo, a conveniência de os cartões de «livre-trânsito» que as associações entregam aos jornalistas fossem, de preferência, fornecidos pelas federações nacionais, por muitos motivos que então aduzimos e que será óbvio voltar a enumerar.

Há muitas razões para defender este ponto de vista. Os factos encarregam-se de nos dar razão.

Pela segunda vez, elementos dos jornais foram impedidos de exercer a sua acção em lugar próprio e destinado para tal, por má compreensão do dirigente de um clube da I Divisão portuense. E dizemos «má compreensão» porque nos repugna acreditar que haja alguém que, de caso pensado, cometa a desalegância registada há pouco e da qual foram alvo dois dos nosos mais conhecidos camaradas na imprensa diária desta cidade.

Nem toda a gente compreende a missão dos jornalistas, assim como nem todos os jornalistas compreendem a sua missão. Podem taxar como quiserem a esta afirmação...

Custou-nos a admitir o facto verificado, porque não é costume o clube em questão ou os seus dirigentes serem menos atenciosos para os trabalhadores dos jornais — tanto mais que, se supunham assistir-lhes razão para qualquer desagravo, tal atitude deveria ser tratada entre a direcção do clube e a redacção do jornal e não entre um director e o jornalista. Não se fez assim — e o gesto, altamente aborrecido, cometeu-se.

Repetimos: não temos absolutamente nada que assinar aos directores do clube alvejado, porque têm provado ser bons amigos da gente desta casa. Mas também não podemos deixar passar o facto em julgado, por ser caso que deve ser esclarecido, para bem de todos.

Entretanto, coartaram-se direitos, o que foi mal feito. E como há terceira entidade atingida moralmente pela disposição ou resolução directiva do clube em causa, aguardemos que essa entidade se pronuncie.

Homenageando o mérito

A edilidade portuense resolveu — e muito bem — premiar o esforço desenvolvido pela Associação de Futebol do Pôrto em prol da modalidade que lhe está confiada, concedendo àquela entidade a sua «Medalha de Ouro de Mérito Desportivo» e dando-lhe assim público testemunho do apreço que tem merecido o labor do organismo dirigente do futebol do distrito.

Se outro merecimento não tivesse a homenagem levada a efeito, ela representava, pelo menos, o reconhecimento de serviços prestados durante largos anos, a consagração oficial de um labor insano e profícuo.

Veio esta homenagem no momento próprio, concedida justamente quando uma direcção prestou contas cabais e honrosas de um ano de canseiras e sacrificios.

O acto solene da entrega da condecoração, a que assistiu elevado número de pessoas, entre as quais representantes dos mais altos organismos do Estado e do futebol nacional, teve, além do brilhantismo de que se rodeou, o mérito de inscrever, a letras de ouro, na história da nossa Associação de Futebol, mais uma página de glória — a par de tantas outras que já estão a assinalar os serviços prestados por esta entidade ao país e à cidade que representa.

Não podemos deixar de nos associar, com toda a sinceridade, à homenagem que a Câmara Municipal prestou à associação dirigente do futebol distrital. Com ela honrou-se a edilidade, a associação e a cidade — e isso basta

Notas... sem valor

UM acto pouco diplomático por parte de um dirigente do Leixões para com os representantes da imprensa desportiva.

Registou-se no seu parque de jogos, no encontro Pôrto-Leixões. No desempenho das suas funções, dois colegas da imprensa diária foram prejudicados por incontestável descortezia de determinado director do Leixões, coisa que nunca se verificou da parte da gente de Matosinhos...

— Parece que o facto se fundamenta em certa crítica feita num desses jornais. Claro que os chefes das secções não deixaram passar o facto sem o comentário oportuno e sensato.

— Antes de qualquer acção correspondente ao «mau gesto», é de esperar que a direcção do Leixões justifique a «pressão» exercida por um dos seus colegas. Independentemente disso, a A. F. P. deve conhecer as «razões» que ditaram o impedimento ao uso dos cartões de livre trânsito que passou a esses jornais. Doutra maneira... teremos «dois galos num poleiro»...

— Os 6-1 no «relvado» do Lima foram um «balde de água fria» para a equipa do Boavista. Ultrapassou todas as previsões — pelo menos no espírito dos adeptos do Boavista — o «score» da partida no Estádio do Lima.

— A vitória do Académico não tem discussão possível. Ganhou, e com inteira justiça. Já era tempo! Os do Lima, para darem gosto «aos da casa», jogaram com todas as «peças» afinadas — a mecânica no tempo funcionou admiravelmente.

— Mário Silva, em «férias»... pelo sul, voltou a treinar a turma do Salgueiros. Está novamente em contacto com os «rapazes» da categoria de honra. Com mais amplitude? Lá dentro há — na parte futebolística — um «inconveniente» bastante aborrecido para o treinador...

— Andam «mosquitos por cordão» em certo grupo da 1.ª divisão — e de primeiro plano. O rendimento da equipa — melhoria de forma — é, por assim dizer, muito lento. Pouca vontade de certos praticantes... A direcção do clube, constituiu por cinco personalidades de valor, já estudou o «processo» de acabar com os «enraçados»... O józo anterior, em sua casa, era uma «história» muito curiosa...

— Aplicou-se, como medida disciplinar, uma determinação directiva, com prejuízo para os «sacrificados» do clube. Foi muito pouco, em relação ao «método» empregado pelos jogadores. Não houve, portanto, amor clubista — a ideia pura do bom atleta.

— A «tempestade» do ténis de mesa portuense foi passageira, com a «resposta» pouco concreta do presidente da direcção. Vin-se muito mal a questão, pelo lado moral. O delegado do F. C. Pôrto, inteligente e profundo em assuntos de assembleias, estava em terreno firme — não tinha oposição... Apenas Vieira da Cruz, mantendo o seu apuro desportivo, «cauticou» o incriminado com bases seguras. A melhor defesa para a assembleia era a «documentação» do jogador profissional. Olhou-se aos «interesses» clubistas, deixando-se em branco, para mal do ping-pong, um «caso» anormal...

A Delegação de «Stadium» no Pôrto

Comunica-se a todas as pessoas interessadas que a nossa delegação passou a estar instalada na rua da Vitória, 58, p. ra onde deve ser dirigida toda a correspondência.

para aplaudir abertamente tão dignificante atitude.

Resta esperar que as outras associações regionais saibam, no decorrer dos anos, merecer do nosso município a honra de que foi agora alvo a Associação de Futebol do Pôrto.

Aos seus dirigentes, no número dos quais «Stadium» conta sinceros amigos, enviamos os nossos parabéns.

TÉNIS DE MESA

No dealbar de nova época

O ténis de mesa volta a movimentar-se. Os novos directores da Associação de Ténis de Mesa de Lisboa tomaram posse dos seus cargos na última semana; alguns clubes — poucos, é certo — recomenciam a actividade; e os primeiros torneios são já falados...

Pode, portanto, pensar-se em novo período de movimentação para esta modalidade — que «ressuscitou» há quatro anos, saindo de longo período de marasmo para atravessar uma fase de franco progresso, caracterizado sobretudo pelo aumento do número de clubes praticantes e pelo alargamento do programa de provas oficiais e particulares. E o ténis de mesa criou, então, novos adeptos. Nunca palavra: descevoiu-se.

Mas foi, principalmente, de 1939 a 1942 que esse incremento se tornou mais notório. Porque em 1942-43 já se verificou certo desinteresse, momentâneo pelo que respeita ao ténis de mesa feminino e infantil.

O elevado custo das bolas e raquetes pode, de certo modo, justificar esse desinteresse — que não chega a ser crise. O que é inegável é que os clubes trabalharam com menos ânimo, salvo raras excepções.

Urge, portanto, impedir que essa falta de entusiasmo se accentue, porque qualquer desfalecimento pode acarretar desagradáveis consequências.

Recordando a temporada finda, ocorre-nos preguntar: que nos reservará a época de 1943-44?

Pela nossa parte, preferimos encarar a com reserva. Parece-nos que se sai algo tarde para esta «etapa»... Era já altura de dar início às primeiras provas e não aos preparativos da actividade. Mas, por outro lado, temos a impressão de que o inconveniente pode ser remediado.

À frente da A. T. M. L. está uma pessoa que conhece bem o meio. Referimo-nos a Sena Ribeiro, o novo presidente. O seu discurso no acto da posse não envolveu promessas. Todavia, permitiu esperanças, pela seriedade e ponderação das palavras proferidas. O chefe da equipa dirigente do ténis de mesa lisboeta não escondeu as suas apreensões pelas dificuldades que o esperam, nem se dispensou de salientar a necessidade da boa colaboração de todos — dirigentes e dirigidos — como meio eficiente de vencer as mesmas dificuldades.

Deve, pois, confiar-se na acção dos novos mentores da modalidade na primeira Associação do país.

A nossa pergunta «que nos reservará a época de 1943-44?» fica, portanto, de pé — quanto aos clubes.

Em meados de Novembro é pouco, muito pouco, mesmo, o que se vê... ou se ouve. A alegação de que aguardam esclarecimentos quanto à situação dos jogadores (se continuarão «amarrados» aos clubes que representaram em 1942-43, se em condições de se transferirem) é o melhor indicio do comodismo de alguns clubes. O trabalho dos «outros» sobrepõe-se. É mais fácil, mais prático, apresentar-se jogadores que outros fizeram do que preparar gente nova. Porque a dúvida referida não impedia, nem impede, a efectivação de torneios inter-sócios ou destinados a jogadores «não filiados», sempre necessários e úteis pela possibilidade que oferecem de revelar novos elementos. E, para mais, numa altura em que a modalidade tem carece de novos valores...

Parece, por conseguinte, que os clubes estão pouco dispostos a trabalhar. O problema tem de ser encarado muito a sério, se não... mal vai ao ténis de mesa.

Para conclusão destas linhas não fica mal apontar as manifestações de actividade até agora conhecidas: um campeonato inter-sócios do Internacional (em cinco categorias) e um treino entre equipas do C. I. F. e de «Os Combatentes».

(Conclui na pág. 15)

A fraca exibição do
Belenenses e a primeira
 vitória do *Unidos*
 Alguns instantâneos dos dois jogos



Apesar de tudo quanto se vê,
 o avançado do Unidos marcou!
 (foto Madeira)



A defesa do Belenenses em apuros!
 (foto Manique)



Como joga Salvador...



Desta vez, Rogério afastou o perigo (foto Madeira)



Apesar de reduzido a dez unidades, o Atlético consegue
 bater a defesa "azul" e chegar até Salvador...

(foto Manique)

AS PROVAS
DE ATLETISMO
DO SPORTING

Domingo DESPORTIVO



João Vicente, vencedor dos
500 metros e dos saltos
em comprimento



José Araújo, que venceu
nos 2.000 metros



Uma fase dos 60 metros que
marca a beleza do atletismo



A final dos 60 metros, ganha por Carlos Azevedo



César Cunha, vence nos saltos em altura



NA 2.^a DIVISÃO
DA A. F. L.

(fotos Ramos)



OPERARIO-ESTORIL PRAIA: Um dos «goals» do Operário e uma fase do encontro

FERNANDO LAGO

Fala-nos de «Volleyball»

TODA a gente conhece Fernando Lago, excelente jogador de «handball» — o nº 1 da Associação de Lisboa da especialidade — e seleccionado sete vezes contra o Pôrto e uma contra Coimbra, sempre no seu posto preferido: o de extremo direito do quinteto avançado. Fernando Lago foi um dos primeiros do «volley» em Portugal, modalidade de desporto que pratica quasi desde criança.

Mas não somente o «volley» e o «handball» lhe têm interessado — e o interessam ainda. Lago (que é, sem dúvida, um dos melhores jogadores portugueses de «handball») praticou futebol no Sporting — chegou a alinhar durante uma época, eu mais, na reserva do clube «lo-nino» — ténis de mesa, atletismo, «hockey» em campo e em patins, patinagem simples e outros desportos. Mas é no «handball» que a figura de Fernando Lago — pequena figura, por sinal... — se destaca e avoluma, porque é realmente um atleta de categoria.

Joga desde o primeiro dia — e sempre com o mesmo entusiasmo, com a mesma fé e vontade indomável de triunfar. Primeiro, em «Os Treze», desde que — em 1932 — começou a praticar-se oficialmente a modalidade, até fins de 1936. Depois — e agora — no Belenenses, clube por que foi campeão em 1941 e é ainda, pois conquistou o título regional da última época, Desempenha — além de jogador dos mais habilidosos e melhores — as funções de dirigente da secção do seu actual clube.

O «volleyball» também não tem segredos para élle. Pratica-o há muito. Desde os tempos — há 18 anos! — dos acampamentos da Associação Cristã da Mocidade, em Setúbal... E vai para cinco anos que é — por sinal o mais antigo ainda em actividade — director da Associação de Lisboa da modalidade. Joga no «team» belenense há cinco épocas também. Estava, pois, indicado para nos falar sobre o momento do «volley» no país.

*

Fernando Lago julga que se trata de «handball». E começou a falar-nos deste desporto — talvez o que mais o entusiasma e do qual tem sido, sem dúvida, um bom propagandista. Mas cedo se apercebe e nos diz:

— Sim! O «volley» é um belo desporto, que muito me interessa também. Está conquistando adeptos e tende a desenvolver-se mais ainda. Excelente exercício — como derivativo para as práticas desportivas — e um complemento da educação física preparatória e indispensável ao atleta. Agora, então, que tem «côtedra» entre os desportos oficializados na organização nacional «Mocidade Portuguesa», muito há a esperar dele. O seu futuro depende, em grande parte, da forma como o encarem os dirigentes desportivos.

«A Associação de Lisboa pensa — pensa, não, vai criar! — a federação nacional. É intuito da direcção de que faço parte agrupar os núcleos de Coimbra (confederação dos desportos), do Pôrto e de Braga. Fundada a Federação, dar-se-á novo rumo, o mais conveniente, ao «volley». Levá-lo até onde for preciso. Fazer propaganda, sempre útil, através da provincia. Fomentar o gosto pela pratica da modalidade — que serve a toda a gente...

«A mulher está, neste capítulo, reservado papel primordial. O «volley» é um desporto que, pelas circunstâncias e modo de pratica, tem todas as condições para o desenvolvimento fisiológico da mulher. Como outros, afinal, que ela ainda não compreendeu serem-lhe uteis...

«O que é preciso, em suma, é propaganda. Muita propaganda. A imprensa pode auxiliar a campanha, tornando as regras conhecidas de toda a gente, divulgando-as e dando-lhes uma feição popular. Porque o «volley» — hoje praticado em larga escala nas nossas escolas de ensino

A evolução das regras de bilhar

por JOÃO MARIA

AFIRMAVA, já nos não lembra que escritor francês, que a ciência anestesia tudo em que toca. Parafra-seando o conceito, poderíamos dizer que a perfeição anestesia tudo o que a alcança.

Por mais paradoxal que pareça, são os defeitos que iluminam a própria beleza que maculam, tanto como na factura de qualquer trabalho a imperícia inventiva valoriza a pericia alcançada. A arte consumada na realização disto ou daquilo deixa desprender uma sensação de facilidade anuladora de toda a vibração, sendo nas dificuldades indomadas, nos obstáculos cujo domínio é ainda precário que está a fonte de todo o interesse — quer para os que se esforçam em transpô-los, quer para os que estão atentos a esses esforços. Onde nada é preciso fazer para melhorar, a emoção morre à mingua de alívio. Em tudo a vida é luta renovadora. Sempre o mesmo desdém pelo alcançado e o mesmo entusiasmo pelo inatingido. Começamos a sentir-nos derrotados no momento em que nos presentimos vencedores. No fundo, a soberania das coisas reside mais nas dificuldades de que se rodeiam do que nos êxitos que proporcionam.

Vem todo este arrazoado, de uma filosofia adquirível pelo preço da chita, a propósito das modificações que periodicamente se introduzem nas leis que regulam a execução dos desportos de competição à medida que estes são completamente dominados na sua pratica.

É justamente no bilhar que mais clara aparece essa tendência para a inovação destinada a manter sempre vivo o interesse pelas competições, exigindo-se de cada vez maior pericia e saber da parte do jogador. Apontar desevolvidamente a evolução das regras da carambola dentro da mesma modalidade e a successiva criação de novas modalidades, conducentes ambas àquella fim, seria fazer a história do bilhar. Mas não é esse o nosso objectivo que modestamente se restringe a dar a conhecer

Pelos clubes

Novos corpos gerentes

Vários clubes elegeram já os seus corpos gerentes. As respectivas direcções ficaram assim constituídas: Engenheiro Sousa Lobo, José Carvalho, Carlos dos Santos, José Esteves, Amal Machado, Augusto Amaral e Pedro Carvalho, no G. D. da Fabrica «Cimento Tejo» (Albandra); José Maia, António de Sousa, Alberto Maia, Silva Ribeiro, Augusto da Oliveira, Acácio de Jesus, Américo Quinteiro, João Francisco da Silva e Zarcó Caneiro, no Grupo da Futebol Operário Vilafrancesca (Vila Franca de Xira); Parreira Coelho, Belo de Castro, Leal da Silva, Abel Alcázar, Augusto Soares, Sienna de Menezes e Machado Pereira, no Lusitânia Sport Clube (Angra do Heroísmo); António Afonso de Carvalho, Raimundo Prieto, António Pereira, Artur Mira, Abel Teixeira e António Correia, no Mirante F. C.; Joaquim Rocha, Guilherme Santos, Jorge Rodrigues, Manuel Furtado, Porfírio Tavares, Augusto Coelho e José M. Oliveira, no Onça Unidos F. C. (Montijo); Joaquim Quintela Paixão, José A. dos Santos, João R. Diaz, João Inácio Nunes Jr., D. Duarte Ferreira, Luis R. dos Santos e João V. Silveira, no Futebol Clube Barretroeu; Manuel J. Nunes, Manuel C. de Carvalho, António J. Rosa, José J. Marim, Humberto Augusto, Simão A. Rodrigues e Abel M. Galinha, no Juventude Sport Clube (Evora); Augusto Melo, Alberto Ferraz Carneiro, Henrique Rocha, Carlos Canedo, José Moreira de Pinho, Eduardo Lopes dos Santos, Feliciano Teixeira, M. Rocha Ferreira e M. Soares Correia, no Vilanovense Futebol Clube (Vila Nova de Gaia); António Soares, A. Marques da Silva, V. Vinhas Frazão, Esmaraldo Jorge, A. Bernardo dos Santos, L. Alves Domingues e Manuel Furtado, no Grupo Desportivo Os Esportivos; Américo Rocha, António Ferreira, Augusto Costa, Manuel Laudicroto, José Barreto, Américo Nunes, João Antunes, Vasco Juncal, Joaquim Antunes e Manuel Matos, no Arrentela Futebol Clube (Arrentela); A. Marques Augusto, Fernando Ribeiro, H. Lourenço da Silva, Manuel Esteves, Manuel Gonçalves, A. Pinto de Resende e Joaquim Augusto, no Clube Desportivo dos Olivais; e Luiz G. Neto Brito, Gomes, V. Almeida de Oliveira, Aníbal Vieira, I. Assis Esperança, A. Ferreira Gonçalves, M. Cascais Xavier, F. Baeta Rodrigues, J. M. Coutinho Guedes e P. Kroft de Moura, no Clube Internacional de Futebol.

— O Sport Clube de Penafiel nomeou presidentes da assembleia geral, direcção e conselho fiscal, respectivamente, dr. Manuel Relva, Albano Guedes e José Magalhães.

médio e superior — pode ir todo o lado. Pode e deve. E enganar-se redondamente aqueles que julgam ser o «volley» um desporto de escol pois a sua feição é caracterizadamente popular.

J. M.

aos aficionados, em meia dúzia de crónicas, os debates e a argumentação dos que pugnam e vêm pugnando, com maior ou menor êxito, pela alteração daquelas regras.

Já em tempos nos animou igual propósito, iniciando o trabalho em «Stadium» com uma entrevista concedida pelo no campeão nacional Alfredo Ferraz. Por motivos que não vêm para o caso, não pudemos então ir além da primeira crónica. Retomamos hoje o assunto. A sua actualidade é permanente. Forçoso é, no entanto, recapitular algo do que antes dissemos, ampliando o de novas considerações e comentários, a fim de que o leitor fique em dia com a matéria.

As várias modalidades em que actualmente se disputam os campeonatos internacionais: partida livre; quadros de 45/1, 45/2 e 71/2; por tabela e a 3 tabelas e fantasia clássica, não foram perdutos de «geração espontânea». Tão pouco rascaram da imaginação mais ou menos caprichosa deste ou daquele jogador, crítico ou dirigente do bilhar. Excepção feita para a primeira e a última, todas elas tiveram um objectivo comum: o de dificultar o jogo para baixar as séries, a fim de sustentar uma emoção que cresce na medida em que se multiplicam as intervenções dos adversários e em que estes são forçados a utilizar novos e mais difíceis recursos. Antes, porém, que qualquer delas triunfasse, logrando a chancela oficial, longas, aceras e judiciosas controvérsias se estabeleceram, umas com fundamento em puras razões de ordem teórica, outras ditadas por interesses pessoais de jogadores especializados — de jogadores profissionais, principalmente. Mas outro objectivo particular teve a criação de cada uma das modalidades enunciadas: o de, fazendo variar a técnica do jogo, aproveitar, desenvolver e premiar certas faculdades do bilharista, de todo o ponto apreciáveis e raro coexistentes no mesmo jogador. Um fazedor de longas séries na partida livre pode ser mediocre executante na partida por tabela e a 3 tabelas e, porventura, nulo em «fantasia clássica», do mesmo modo que um excelente jogador ao quadro ou mesmo um mestre na «série da linha» pode ser incapaz de dar uma volta ao bilhar conduzindo a «série americana». Evidentemente, determinadas faculdades e determinados conhecimentos são por igual exigidos por todas as especialidades de jogo. São, por isso, basilares. Mas tem, em cada modalidade, existências especiais, consoante nela predomina este ou aquele processo de atacar a bola, ou de conduzir o jogo com vista ao seu rendimento pratico e, até, a defesa. O sentido desta é primordial, por exemplo, nas «3 tabelas». Recordemo-nos como Pui-gevert se defendeu de João Pereira, no último Portugal-Espanha efectuado entre nós. Pode afirmar-se que o inteligente espanhol venceu então mais pelo que não deixou fazer do que pelo que fez, facto tanto mais para salientar quanto é certo que a capacidade de jogo era maior no vencido do que no vencedor. Outras coisas houve para a inesperadissima derrota de João Pereira, e apontadas foram todas, na ocasião, pela critica. É, todavia, fora de dúvida que a defesa ferrozmente procurada por Pui-gevert celebrizou as partidas disputadas a 3 tabelas no referido «match», tanto pelo menos quanto as marcou, por outro lado, a infelicidade do representante do nosso país. E não cultivou menos a defesa, jogando contra Alfredo Ferraz, outro componente da equipa espanhola: Bofill. Puderam triunfar dela, contudo, a enorme classe e o prodigioso sangue frio do nosso campeão nacional.

Cartões de livre-trânsito

REGISTAMOS a gentileza da oferta de cartões de livre-trânsito por parte das seguintes entidades: Federação Portuguesa de Basket-Ball, Clube de Futebol «Os Belenenses», Sporting Clube de Portugal, Unidos Futebol Clube, Grupo Desportivo «Os Esportivos», Casa Pia Atlético Clube, Académico Futebol Clube, Vilanovense Futebol Clube, Boavista Futebol Clube, Operário Futebol Clube, Grupo Desportivo dos Olivais, Vitória Futebol Clube, Futebol Clube Barretroeu, Unidos Futebol Clube do Barreiro, Arrentela Futebol Clube e Grupo Futebol Operário Vilafrancesca.

Os nossos agradecimentos.

COMBATES E ARBITRAGENS

Notas de RAFAEL BARRADAS

O nosso artigo anterior, subordinado a este título, tinha-nos deixado na altura em que o árbitro, ou director do combate, lembra aos jogadores o resumo das regras essenciais do jogo do sôco. Antes disso já havíamos analisado, sem grande pormenor, aliás, os actos precedentes, durante os quais o árbitro verificou as ligaduras, tomou conhecimento com os auxiliares principais (a quem cabe, exclusivamente, manifestar a desistência do seu pugilista...), etc.

Vamos hoje continuar a descrição, que temos estado fazendo, das acções e dificuldades das arbitragens.

Os jogadores estão pois, nos cantos respectivos e aguardam o som do timbre para principiarem a lutar. Em seguida, devem aproximar-se do centro do ring e repertar-se mutuamente as mãos, sinal de que não existem quaisquer sentimentos de animosidade entre ambos. Depois, recuando um passo, tomam a posição de guarda e o combate inicia-se.

Devemos, desde já, salientar o seguinte: não há conveniência em repetir o apêto de mãos em todos os assaltos, ao começarem, nem todas as vezes que um sôco baixo sem importância ou qualquer insignificante irregularidade se produz. É uma manifestação muitas vezes vista e demasiado ridícula para que concordemos com ela. Os apêtos de mãos devem dar-se antes e depois do jogo, ou no caso de uma grave falta, involuntária, da qual é dever apresentar desculpas. O contrário disto é uma tendência a que os árbitros devem fazer oposição, vantajosamente, para boa marcha dos assaltos.

Durante estes, só a observação cuidadosa e permanente pode facilitar a intervenção súbita do árbitro. No jogo a distância, ou jogo de longe, essa observação não é difícil e podem contar-se, pouco-a-pouco, ou anotando também de memória, o valor dos factores que influem na decisão por pontos, e que são os seguintes:

- 1.º — Os golpes limpos e potentes, ao corpo e cara;
- 2.º — A tática e as combinações do movimento das pernas e dos braços (técnica);
- 3.º — A agressividade, ou vontade de lutar;
- 4.º — As quedas no ring (knockdowns);
- 5.º — As infracções às regras (fouls).

Já por aqui ficam os leitores vendo que não é pelo instinto, muitas vezes só capaz de apreender que um jogador deu mais do que levou, que se decide um encontro de boxing — mas pelos pontos atribuídos por cada um dos factores atrás enunciados.

Os métodos ou sistemas habituais de decidir um vencedor por pontos são variáveis e múltiplos, mas podemos agrupá-los em duas classes. Na primeira, calculam-se os pontos em cada assalto e no final do combate adicionam-se, para cada jogador, de modo que a vitória

perceba àquele que tenha alcançado margem suficiente de pontos sobre o antagonista, de modo a não ficarem dúvidas acerca da sua superioridade. Na segunda, os pontos adicionam-se do mesmo modo que anteriormente, mas no fim de cada assalto.

Qualquer das duas classes ou grupos indicados tem vantagens especiais — e inconvenientes. No entanto, como ainda não se inventou outro processo menos favelado e mais evidente do que este da pontuação, tem-se mantido através dos tempos, ainda que tenha sido modificado vantajosamente.

Os nossos árbitros, directores de combate e juizes não parecem estar familiarizados com os boletins de que fala o Art. 95.º do Regulamento da F. P. B. Temos presenciado os árbitros proclamarem vencedores sem terem anotado, uma só vez, durante o combate, os pontos respectivos. Decisões deste jaz são apenas intuitivas e, como o processo é mau, vamos deter nos algum tempo a analisar o assunto.

Apresentamos, no fim deste artigo, para melhor compreensão do leitor, um exemplo de marcação de pontos entre o pugilista A e o jogador B.

O processo adoptado é o do segundo grupo, isto é, a vitória cabe àquele que no fim do jogo, totalizou mais pontos.

Estes pontos, no total de 10 em cada assalto e para cada factor da decisão, distribuem-se conforme o critério do juiz. Assim, no 1.º assalto o pugilista A golpeou o antagonista na proporção de 4 para 1, com sôcos nítidos e por isso os pontos se dividiram em 8 e 2. Como os golpes limpos são mais importantes do que a técnica, e esta que a agressividade, os pontos totais (34, 31, 20) são multiplicados, respectivamente, por 4, 3 e 2, coeficientes de proporcionalidade entre os citados factores da decisão. Os produtos adicionam-se e compararam-se entre si. Neste caso a comparação mostrava que os jogadores tinham empatado (271 e 269 pontos) o jogo.

Se nos dessemos, sem coeficientes, apenas as somas de pontos (34, 31, 20 e 26, 20, 40) o resultado era favorável ao jogador A — o que era evidentemente injusto, pois embora mais agressivo golpeava com menos eficácia, ainda que sob o ponto de vista de técnica não ficasse a perder sensivelmente. Isto verifica-se pela comparação dos valores 34 e 26 (golpes limpos) e 20 e 31 (técnica e tática).

O quadro também podia mencionar pontos por motivo de «quedas» e de «faltas». Na primeira destas colunas inscrevem-se 5 pontos por cada queda do antagonista e, na outra coluna, 5 pontos por cada golpe baixo intencional ou irregularidade flagrante que não imponha a desclassificação do autor. Os pontos são todos, por conseguinte, aditivos. Ainda sobre as quedas, entendam-se assim as que forem provocadas por um golpe ou série de golpes e durante as quais o árbitro iniciou a contagem do tempo.

Exemplo sumário de um boletim de arbitragem

Nome: Pugilista A

ASSALTOS	Golpes Limpos	Técnica e tática	Agressividade	Quedas	Faltas
1.º	8	7	4		
2.º	6	6	4		
3.º	5	5	5		
4.º	6	5	3		
5.º	5	4	2		
6.º	4	4	2		
SOMAS	34	31	20	—	—
Coeficientes	4	3	2		
Produtos	136	93	40		
TOTAL			269		

Nome: Pugilista B

ASSALTOS	Golpes Limpos	Técnica e tática	Agressividade	Quedas	Faltas
1.º	2	3	6		
2.º	4	4	6		
3.º	5	5	5		
4.º	4	5	7		
5.º	5	6	8		
6.º	6	6	8		
SOMAS	26	29	40		
Coeficientes	4	3	2		
Produtos	104	87	80		
TOTAL			271		

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

ATLETISMO — No último torneio para sócios e simpatizantes do Sporting (de uma série que tem tido continuidade interessante), verificaram-se os vencedores seguintes: César Cunha, 1.º, 78 cm altura; José Vicente, 2.º, 84 cm comprimento, e 1.º, 52.40, nos 700 metros; João Ribeiro, 1.º, 96 no pé; José Regagnon, 2.º, no disco; José Araújo, 6 m. 35 s. nos 2000 metros; Carlos Azevedo, 7 s. 1/2, nos 60 metros; e Artur Dias, 22 s. nos 250 metros.

BOXING — A Associação de Lisboa castigou com suspensão (até resolução ulterior) os amadores Amadeu Brandão e Joaquim Mateus, por terem tomado parte numa reunião, no Estádio Mayer, sem sua consentimento. Esclareça-se que esses pugilistas pretendiam provas de aptidão para passagem à categoria de profissionais, e, portanto, tinham a autorização respectiva da F. P. B.

Também a Empresa «Tobox», do Campo Pequeno, foi punida com suspensão por seis meses (romeliv à multa de cinco mil escudos) por actos de incorrecção para com os directores da F. P. B.

COMEMORAÇÕES — Está em festa o Lisboa Gimnástico Clube, por motivo do seu 25.º aniversário. No próximo número nos referiremos mais de espaço a este acontecimento.

O Gimnástico C. P., reunido há dias em assembleia geral, resolveu comemorar, em 1914, o centenario de Luis Monteiro, pioneiro da educação física em Portugal.

FUTEBOL — Últimos resultados de torneios regionais: Aveiro: Sanjoanense-Beira Mar, 6-1; Sp. Espinho-Ovarense, 6-0; Oliveirense-União de Lamas, 1-1; Castelo Branco: Sp. Covilhã-S. L. C. Branco, 4-2. Évora: Estremoz-Lusitano, 2-1; Juventude-União de Montemor, 6-2. Santarém: União de Abrantes-Sp. Tomar, 2-2; Ferroviários do Entonamento-Matrua, 1-0; Alcanenense-União de Tomar, 3-1; Operário Vilafranca-Alverca, 7-1; Académica-União Operária, 4-1. Vila Real: Operário-Loões do Corgo, 8-0. Viseu: Académico-Bodioso, 3-1.

TÊNIS — Rui Pereira ganhou o torneio da taça «Gama Lobo», derrotando, na final, W. Orton, por 5-7, 6-1 e 6-3.

TÊNIS DE MESA — No Ateneu Comercial de Lisboa procedeu-se à distribuição dos prémios conquistados pelos atletas da colectividade durante a época de 1913-14: 97 medalhas e 12 taças.

TIRO AO ALVO — Na prova «Abertura», do Benfica, José Mendes Leite Júnior, da categoria A, fez o primeiro máximo da época: 150 pontos. A seguir classificaram-se: Godofredo Bravo Dias, 149; Dêllo da Silva e Dionísio Negro, 147. Nas outras categorias ficaram vencedores: H. Rogério Berger, 147 pontos; C. Alexandre Barreto, 137.

XADREZ — No Casino da Póvoa de Varzim disputou-se o II Póvoa-Lisboa, em que se distinguiu o jovem J. M. Ribeiro, de 11 anos, verdadeiro prodígio. A equipa lisboense, que venceu o «match», conquistou as taças «S. L. Benfica» e «Monumental Casino da Póvoa de Varzim». A taça «Artur Lopes» foi ganha pela equipa do Póvoa. No próximo número aludiremos mais circunstanciadamente a este encontro.

FLECHA

A melhor bicicleta

Salão de Exp. e Vendas:

L. do Intendente-LISBOA



SILVA RUIVO

Acompanhado dos srs. Tavares Coutinho, Pierre Charles e Silva Lopes, esteve na nossa redacção o antigo «boxeur» José da Silva Ruivo, que veio agradecer-nos pessoalmente as referências à sua festa de homenagem e pedidos, no mesmo tempo, que tornassemos publico o seu reconhecimento às entidades que colaboraram por qualquer forma no aludido festival, em especial aos srs. capitão António Cardoso e Domingos Pinto, as Empresas do Parque Mayer, Sala Central de Desportos e organizações «Tobox», à F. P. B. e à A. P. L.

Ténis de mesa

(Conclusão da pág. 11)

É em projecto: um campeonato Inter-sócios do Ateneu Ferroviário, um treino entre equipas do Arroios e do C. I. F. a «Semana de Ténis de Mesa» de «Os Combatentes»; e um torneio, inter-clubes, para equipas formadas por jogadores «não filiados», organizado pelo Internacional, para disputa da taça «Joaquim Nunes dos Santos». E fala-se ainda em iniciativas do D. C. Arroios — mas estas mais demoradas. É pouco, muito pouco — temos de convir.

Stadium



1



2



4

FUTEBOL NO PORTO

F. C. Porto-Salgueiros; 1 — Araújo marca o 4.º ponto do F. C. Porto; 2 — Pinga em acção...; 3 — Uma defesa do "keeper" do Salgueiros a um remate de Araújo, Académico-Leixões; 4 — Uma jogada de perigo para o Académico

(fotos Hermann)



3